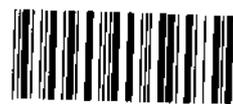


LUCIANA PAULA FERREIRA



1290000286



FE

TCC/UNICAMP F413e

EDUCAÇÃO: REFLETINDO UMA  
EXPERIÊNCIA EDUCATIVA ALTERNATIVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPINAS - SP  
2.001

LUCIANA PAULA FERREIRA

EDUCAÇÃO: REFLETINDO UMA  
EXPERIÊNCIA EDUCATIVA ALTERNATIVA

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como exigência parcial  
para o curso de Pedagogia da  
Faculdade de Educação, Unicamp,  
sob a orientação do Prof. Sérgio  
Stucchi da Faculdade de Educação  
Física.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPINAS - SP  
2.001

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F413e	<p>Ferreira, Luciana Paula. Educação : refletindo uma experiência educativa alternativa / Luciana Paula Ferreira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador : Sérgio Stucchi. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Ensino. 2. Educadores - Formação. 2. Educação. 3. Recreação. 4. Condomínio. I. Stucchi, Sérgio. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>02-092-BFE</p>
-------	--

**DEDICATÓRIA:**

Dedico este trabalho ao síndico  
Edno Márcio Czeck dos Santos, por  
acreditar nas crianças e na vida.

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”*

*Rubem Alves (1994)*

### AGRADECIMENTOS:

- Agradeço ao meu marido (Silvio) que idealizou e executou esse trabalho ao meu lado, acreditando, lutando, enfim, vivendo.
- Aos meus filhos Luan e Yuri que nasceram e cresceram junto a este trabalho.
- Ao professor Sérgio Stucchi, meu orientador, por acreditar e entender as dimensões deste trabalho.
- Às crianças do condomínio, que sem elas nada teria acontecido.

## RESUMO

O estudo trata de uma vivência profissional, que desenvolveu um projeto de recreação com crianças de um condomínio residencial, situado na cidade de Campinas - S.P., denominado Conjunto Residencial Ana Paula. Este trabalho chamado "Projeto Brincar para Viver" tem como objetivo a integração e a formação social da criança através de atividades recreativas. O condomínio no final do ano de um mil novecentos e noventa e seis, encontrava-se com sérios problemas com depredações, brigas, vandalismo e preconceitos. Todos esses problemas resultava em violência e na difícil convivência social entre os moradores, sendo as crianças e os adolescentes os maiores responsabilizados por esses atos, pois formavam "gangues" para controlar o condomínio. Com o intuito de solucionar esses problemas e entreter as crianças durante o tempo livre delas, sem afazeres escolares e até empregaticios, pois eram nesses momentos que aconteciam os maiores ato de vandalismo, a administração do condomínio contratou uma equipe de estudantes da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) das áreas de Pedagogia e Educação Física, para por em prática um trabalho que pudesse, além de melhorar a situação do condomínio, pudesse educar e conscientizar as crianças sobre conceitos de cidadania. Assim, elaboramos um projeto com atividades esportivas que despertasse e ensinasse as crianças esses valores, assim elas poderiam ter plena consciência de seus direitos e deveres. Desta maneira, a sociedade condominial poderia conviver harmoniosamente, sendo o esporte o meio mais adequado encontrado para este fim devido suas múltiplas funções e por ser um facilitador de inclusões, sobretudo social. Portanto, esta monografia relata uma experiência de trabalho que pode ser considerada pioneira e abre novas perspectivas de atuação para profissionais, principalmente da área de Educação Física. O estudo também buscou analisar as possibilidades do fenômeno esporte na educação não-formal, e como sua prática no condomínio pôde contribuir para a formação integral de crianças e jovens.

## SUMÁRIO:

Introdução.....	9
Capítulo I	
Uma experiência.....	12
Capítulo II	
O condomínio: espaço de morar, brincar, educar, viver.....	16
2.1. O projeto de recreação da Equipe Brincar para Viver.....	21
Capítulo III	
Por trás dos bastidores: O cotidiano das práticas.....	25
3.1. Os desafios da prática, as atividades, seus objetivos e resultados.....	29
3.1.1. Episódios/Problemas	
3.1.1:1. Episódio da tinta.....	29
3.1.1:2 Caso do estilete.....	31
3.1.1:3. Acampamento ao sítio.....	33
3.1.2: Programas Educativos/Estratégias de ação:	
3.1.2.:1.Projeto conhecendo o condomínio Ana Paula.....	36
3.1.2:2. Olimpíadas.....	38
Capítulo IV	
A equipe e suas conquistas: O resultado das atividades.....	40
4.1. A divulgação das atividades da equipe e dos moradores envolvidos: o jornal do condomínio.....	43
4.2. A equipe começa a abranger outros públicos.....	44
Referências Bibliográficas.....	46
Considerações Finais.....	47

## Fotos

1. Programas educativos - fevereiro/2000.....	48
2. Roda: momento de falar e ouvir.....	48
3. Olimpíadas premiação participativa - outubro/2000.....	49
4. Acampamento - janeiro/1999.....	49
5. Plantando nos canteiros: projeto ecológico.....	50
6. Atividades de culinária: limpeza.....	50
7. Baile de carnaval.....	51
8. Baile do halloween.....	51
9. Apresentação de teatro.....	52
10. Olimpíadas: natação numa academia.....	52
11. Festa de natal: espaço do Papai Noel.....	53
12. Festa de natal: apresentação de dança.....	53
Metodologia.....	54

## INTRODUÇÃO:

O valor das considerações feitas neste trabalho reflete o espaço de atuação do pedagogo, bem como a relevância de seu papel como educador em lugares alternativos (clubes, hotéis, comunidades e associações em geral), utilizando para isso informações sobre temas da educação não-formal e o papel do educador neste contexto. Posteriormente, analisando uma experiência concreta de educação alternativa e como essa experiência se construiu através das práticas pedagógicas a partir do momento em que atividades foram planejadas, posturas com relação às crianças foram diretamente analisadas, reconstruindo ações frente aos desafios desta prática educativa distinta, mas tão complexa quanto a escolar formal, utilizando recursos pedagógicos e conhecimentos acadêmicos que foram sistematizados para serem utilizados na escola, portanto uma formação acadêmica específica para esta atuação - A Equipe de Recreação Brincar para Viver.

O campo de atuação do pedagogo diz respeito a diversas formas de educação dentro da escola, além de abranger aspectos sobre a evasão e o fracasso escolar e a violência na escola. Projetos pedagógicos que incentivem ao conhecimento das diversas áreas em transformação, bem como sua própria atuação como professor, orientador, coordenador ou diretor de escola, são relevantes para as novas propostas de evolução educacional.

Existem outros âmbitos profissionais onde o pedagogo poderia atuar, mas que sua formação acadêmica não abrange, lugares diferenciados da escola nos quais seus conhecimentos seriam de fundamental importância.

Desta forma o curso de Pedagogia oferece um campo de formação restrito, pois embora forme, em teoria, pesquisadores, acaba formando professores, o que o ensino médio já forma, levando o pedagogo a atuar e ganhar como um técnico.

Este é o reflexo de um mercado de trabalho saturado, pois seus estudos abrangem a escola formal, o que, por sua vez, homogeneiza culturas e modos de vida e tendo como principal objetivo alfabetizar e preparar para o trabalho, não levando em consideração a grande diversidade cultural que existe dentro dela e ainda da própria infância como tempo de brincar.

Assim essa grande diversidade cultural apresenta para os educadores um desafio ao se depararem com ela, pois a escola não dá conta de trabalhar adequadamente, o que leva a surgir outros tipos de trabalhos ligados a organizações não-governamentais, movimentos populares, sindicatos, entre outras associações.

Uma questão que chamou a atenção foi o fato de que para trabalhar nestas organizações os profissionais não precisam, necessariamente, serem pedagogos, basta terem disponibilidade, construindo e inovando suas habilidades com a própria realização do trabalho.

Estes profissionais deveriam ter uma formação calcada em questões como: pluralidade cultural, expressividade, infância e educação não - formal, estando apto a atuar com uma proposta educacional inovadora, bem diferente, mas tão complexa quanto a escolar.

Desta forma, o curso de Pedagogia poderia oferecer toda essa formação para que todos os profissionais pudessem distinguir até onde podem chegar respeitando a diversidade cultural, agindo de modo diferente ao da escola..

O que hoje existe em alguns hotéis, clubes ou empresas é apenas treinamento e não formação.

Assim, segundo Freire<sup>1</sup> (1988), "*...não se pode cair no voluntarismo idealista que se funda na compreensão ingênua de que a prática educativa e a sua eficácia dependem apenas do sujeito, da sua vontade e da sua coragem*".

---

<sup>1</sup> Freire, Paulo. Guimarães, Sérgio. Sobre educação (diálogos). Vol.2.Ed. Paz e Terra. RJ,1984.

É preciso que haja intencionalidade educativa, pois o educador faz intervenções na realidade das crianças e para isso ele necessita estar apto para lidar com diversas situações.

Num projeto de educação não - formal essa intencionalidade educativa não significa didatizar conteúdos, mas dirigir, ensinar coisas novas.

Segundo Janela<sup>2</sup> (1992, p,87 ), *“...educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto”*.

Costa<sup>3</sup> (1988, p,46 ) define educação formal *“...como um fluxo contínuo de ações com componentes ordenados e estáveis e atividades não-formais como versões complementares e descontínuas de eventos formais com diferentes graus de utilização de seus componentes originais, objetivando o atendimento a necessidades contingenciais”*.

Além disso, a educação não - formal é capaz de promover a socialização, levando o educando a criar coisas novas em qualquer campo de atuação.

Tendo grande flexibilidade no que diz respeito a conteúdos e horários, ela precisa atrair os seus educandos para realizar o trabalho educativo. Existem diversas formas disso acontecer, uma delas é a atividade recreativa.

Segundo Costa, *“... atividades recreativas visam, em diferentes graus, à forma física e à socialização dos praticantes: atividades às quais os grupos espontâneos da sociedade têm acesso sem limitações excessivas de condições econômicas, sexo e idade.*

---

<sup>2</sup> Janela, Almerindo Afonso. Sociologia da educação não escolar: Reatualizar o objeto ou construir uma nova problemática? 1992.

<sup>3</sup> Costa, Lamartine Pereira da. Educação física e esportes não-formais. RJ,1998.

## CAPÍTULO I: UMA EXPERIÊNCIA:

Morando em condomínios de prédios por muito tempo, pude perceber que crianças em momentos ociosos não sabiam o que fazer nem com o que brincar, uma vez que transgrediam regras condominiais estragando espaços comuns, fazendo barulho excessivo fora dos horários permitidos e desrespeitando moradores e funcionários.

Estes atos indesejáveis causavam transtornos para todos os moradores, principalmente para os pais, que pagavam multas, recebiam advertências do administrador (síndico), entre outras punições.

Devido às diversas influências da vida moderna, Marcelino<sup>4</sup> (1986) cita entre elas, a limitação das crianças ao espaço da casa ou apartamento onde passam a formar um grupo cativo da televisão, a recreação se apresenta como uma necessidade imprescindível para evitar que se anule a obra educativa da escola, pela influência maléfica da rua, da vizinhança e, às vezes, da própria família.

Partindo desta experiência pessoal e cursando Pedagogia na Unicamp, tive contato com diversas fontes que levaram-me a pensar sobre minha atuação profissional.

Percebi que muito do que aprendia estava limitado à escola, fazendo com que eu procurasse em outras áreas, como Artes e Educação Física, estratégias que poderiam complementar minha formação.

Desta forma, achei pertinente elaborar um plano de trabalho que pudesse abranger locais distintos da escola e que estivesse calcado na formação humana.

Este trabalho seria desenvolvido em condomínios de prédios que apresentassem problemas relacionados às ações das crianças em momentos ociosos.

Assim, levando em consideração o mercado escolar saturado e fazendo uma ligação entre os mais diversos projetos educacionais não-

formais, organizei um grupo de pesquisadores multidisciplinar, formado por dois pesquisadores da Pedagogia e dois da Educação Física, criando algumas alternativas de solução com um objetivo: contribuir no processo da construção da cidadania de crianças a partir dos três anos de idade, tendo como espaço privilegiado de atuação sua própria casa, desenvolvendo uma dimensão educativa, visando a preservação do patrimônio delas.

As alternativas foram as seguintes:

- Planejamento de atividades para serem desenvolvidas no condomínio onde as relações dos moradores com as crianças não são adequadas, uma vez que estas não se enquadram nos padrões considerados corretos e que são estipulados por regras.

- Criação de situações lúdicas que favorecessem uma convivência sadia e respeitosa, com atividades em grupo onde a participação de cada um fosse fundamental, utilizando:

- músicas;
- relaxamento;
- desenhos / pinturas;
- teatro;
- estudo de temas de curiosidade das crianças;
- passeios externos;
- brincadeiras tradicionais/folclóricas;
- brincadeiras com diversos tipos de materiais (improvisados ou determinados);
- rodas de conversa (ressaltando a importância do respeito à vez de cada um falar);
- culinária;
- vídeos educativos;
- exposições/feiras;
- festas de confraternização (comunitárias), entre outras.

---

<sup>4</sup>Marcelino, Nelson Carvalho. O lazer e o uso do tempo na infância. Comunicarte: IAC. Ano 4, n.º 7, 1986.

- Divisão das crianças por faixa-etária, tendo um adulto para cada grupo;
- Fixação de tempos e espaços para estas atividades acontecerem;
- Organização de materiais adequados para serem utilizados para cada atividade planejada.

Segundo Silva<sup>5</sup> (1979, p.43), “...para aplicação das estratégias, além de um diagnóstico global da situação da educação, é necessário um planejamento racional e abrangente, quer através de pesquisas e experiências, quer através de uma administração bem organizada, que coordene a todos e racionalize as forças de ação”.

Paralelo a isso, foi feito um estudo de campo em diferentes condomínios que apresentaram as características mencionadas e que tinham interesse em mudar.

O Conjunto Residencial Ana Paula, tinha as características ideais para desenvolver nosso projeto.

---

<sup>5</sup> Bicudo, Maria Aparecida Viggiani. Silva, Celestino da. Org. Formação do educador: Dever do Estado, tarefa da Universidade. Ed. UNESP, 1996.

## CAPÍTULO II: O CONDOMÍNIO: ESPAÇO DE MORAR, BRINCAR, EDUCAR, VIVER:

O condomínio Ana Paula, corretamente denominado Conjunto Residencial Ana Paula, é habitado por moradores de classe-média e está situado no bairro Swift, ao sul da cidade de Campinas.

O bairro Swift está localizado próximo ao centro e possui boa infraestrutura. É um bairro de classe-média com imóveis valorizados, atraindo grandes empreendimentos. Possui também: Um hipermercado, duas universidades particulares, uma grande concessionária de automóveis, escolas públicas municipais e estaduais, escolas infantis e de ensino fundamental particulares, panificadoras, drogarias e comércio em geral.

A uma distância de aproximadamente um quilômetro do condomínio, existe uma favela e um pouco mais além, existem bairros periféricos que fazem divisa com o município de Valinhos.

O condomínio é composto por treze blocos (prédios) com sete andares, sendo quatro apartamentos por andar com dois dormitórios, sala, cozinha, banheiro social e de serviço e lavanderia. O total é de trezentos e sessenta e quatro apartamentos e aproximadamente mil e duzentos moradores entre adultos e crianças.

O acesso dos moradores aos apartamentos é feito por um elevador e uma escada. No térreo existe um hall e alguns cômodos onde os moradores guardam objetos como bicicletas e ferramentas. A utilização desses cômodos é por sorteio e o tempo de uso é limitado. Esse procedimento é utilizado também para o uso de garagens cobertas, que são poucas.

A área de lazer é ampla. Possui uma quadra poliesportiva, uma piscina pequena que pode ser freqüentada apenas por crianças até doze anos de idade, os adultos por sua vez podem tomar banho de sol ao redor dela e molharem - se num chuveiro externo, sem poderem nadar.

Além disso, possui:

- Uma pracinha com bancos em forma de círculo e uma grande árvore no meio;

- Um campo de futebol amplo de terra;
- Espaço para horta;
- Espaço plano gramado, localizado atrás de três blocos;
- Calçadas e ruas largas, onde os moradores transitam e as crianças andam de bicicleta e patins;
- Dois salões: um de jogos e outro de festas;
- Balanços, escorregador, gangorra, túneis de concreto e areia;
- Uma pista com jogos pintados no chão.

Por dispor de um espaço físico bastante amplo, pode - se desenvolver atividades com as crianças de maneira diversificada e dinâmica, o que permite possibilidades para uma ação educativa neste espaço.

Segundo Yurgel<sup>1</sup> (1983, p.42), "...as qualidades do meio ambiente constituem um importante elemento de recreação". Desta forma, este espaço sugere seu uso especificamente por crianças, que devido à vida agitada das grandes cidades tiveram seus mundos reduzidos a passeios esporádicos, à televisão e a um quarto cheio de brinquedos.

De acordo com Santini<sup>2</sup> (1993, p.42 ): " *A questão espacial do lazer deve ser uma das preocupações da sociedade contemporânea, pois o ser humano está perdendo gradativamente seu estado vital e, em decorrência, sofrendo uma queda na qualidade de vida. O espaço de lazer, desde que elaborado adequadamente para a atividade a que se presta, será uma contribuição positiva para estancar tal tendência.* "

A quantidade de crianças interfere na utilização dos espaços, elas formam grupos de aproximadamente trinta crianças por faixa - etária e a maior concentração delas se dá entre oito e doze anos, aproximadamente sessenta crianças, a maioria meninos.

Isso acontece porque nessa idade as crianças estabelecem suas relações com quem mais se identificam, formando seus grupos sociais.

Outro fator que altera o número de crianças e jovens no espaço condominial é a frequência de parentes, amigos não residentes e filhos dos empregados domésticos, que aí permanecem, por vezes, o dia todo.

---

<sup>1</sup> Yurgel, Marlene. Urbanismo e lazer. SP. Nobel, 1993.

<sup>2</sup> Santini, Rita de Cássia Giraldi. Ed. Angelotti, 1993.

A grande diversidade cultural ou *status* social que marca os moradores do condomínio e de outros que aí circulam, faz com que emergjam problemas de preconceitos e discriminação racial e social entre crianças residentes e não residentes, principalmente com filhos de empregados.

Situações em que ocorre o preconceito acontecem em lugares com pessoas que apresentam características distintas como os moradores deste condomínio. Mas estas características distintas estão presentes em modos de vida e crenças e, por vezes, acirram conflitos mediante as condições financeiras de cada grupo ou família.

Os moradores do “Ana Paula” são, a maior parte, de classe-média e trabalhadores. São poucas as mulheres que não trabalham fora e que apenas cuidam dos afazeres domésticos.

Alguns moradores são proprietários dos apartamentos que moram e possuem mais que um veículo, outros são inquilinos e alguns não possuem carro próprio.

Todas as crianças freqüentam a escola regular, mesmo crianças bem pequenas vão à creches ou pré-escolas, umas em escolas particulares, outras em escolas públicas.

Parece que a proporção de crianças que estuda em escolas particulares e públicas é a mesma.

Algumas crianças praticam esportes em academias, fazem cursos de inglês e computação e costumam viajar nos feriados e férias, outras fazem pouco ou nada disso, tendo o espaço do condomínio como única fonte de entretenimento e lazer.

Entre os anos de 1996 e 1997, o condomínio passou por diversos problemas econômicos e sociais.

Destacando os problemas sociais, as pessoas viviam em constantes desentendimentos por causa das crianças e adolescentes que depredavam os espaços comuns, levando seus pais a serem sempre chamados pela administração para esclarecerem os atos de vandalismo de seus filhos, pagarem multas, enfim, receberem punições diversas.

O administrador, por sua vez, proporcionava aos moradores vários tipos de atividades recreativas, como festas de final de ano, mas com sua atenção sempre focalizada nas crianças.

Assim, contratava monitores de recreação para entreterem-nas, alugava brinquedos como balões pula-pula, carrinhos de algodão doce para o dia das crianças e Papai Noel.

O que seria algo por diversão, acabava em fracasso e frustração! As crianças destruíam os brinquedos, furavam filas empurrando uns aos outros para receberem presentes e balas mais que uma vez, não respeitavam os monitores, fazendo-os desistir das atividades e até de voltarem lá em outras ocasiões, puxavam a barba e tiravam a touca do Papai Noel.

As festas eram mal-sucedidas e, além disso, o condomínio era sujo e mal conservado. Os canteiros das plantas eram sempre destruídos, as paredes eram rabiscadas, os meninos pichavam nomes e frases com pincéis atômicos e as meninas com batons, não existia nenhuma lixeira, pois crianças ateavam fogo e as destruíam toda vez que eram repostas, assim, havia muito lixo no chão (papéis de balas, embalagens de salgadinhos).

Algumas crianças urinavam e também defecavam nos elevadores, tornando-os intransitáveis.

Os extintores de incêndio eram descarregados e os corrimãos das escadas serrados. Vidros eram constantemente quebrados e muitos carros riscados e amassados por bolas.

A falta de respeito para com funcionários era muito grande, além de barulho excessivo após os horários permitidos ( entre 22:00 e 7:00 horas ).

Tudo isso causou nos moradores e funcionários grande repugnância por essas crianças, tornando as relações entre eles difíceis e com muitos conflitos negativos.

Além de todos os problemas sociais com relação às crianças, o condomínio passou por problemas financeiros devido à inadimplência de muitos moradores, o que impossibilitava gastos extras.

Mesmo assim, o administrador pensava em contratar pessoas que pudessem, além de entreter as crianças, preenchendo o tempo em que não

estavam ocupadas com atividades escolares, com atividades lúdicas específicas, que as educassem sobre a preservação do condomínio, pois punições, como as multas, não estavam surtindo efeitos positivos no comportamento delas, inclusive havia inadimplência até no pagamento delas.

Os próprios pais reclamavam para o síndico, quando eram chamados para esclarecimentos, a falta de limites dos filhos e a dificuldade deles para impor-lhes.

Após sucessivas reuniões com o conselho, que é composto por três moradores proprietários de apartamentos - inquilinos não podem assumir cargos de responsabilidade, segundo o regulamento interno - o síndico chegou à conclusão que era realmente necessário a presença de educadores dentro do condomínio, embora em alguns momentos, o conselho considerasse este tipo de trabalho como sendo algo supérfluo, devido às experiências mal-sucedidas anteriormente.

Nesse momento de muitos impasses, nosso projeto de recreação chega ao condomínio.

## 2.1 O PROJETO DE RECREAÇÃO DA EQUIPE BRINCAR PARA VIVER :

Quando o projeto de recreação chegou no condomínio, o administrador acreditou ser este um bom caminho para um recomeço.

No início, o projeto de recreação foi apenas para o período de férias, período em que o número de depredações aumentava bastante devido ao tempo ocioso das crianças, principalmente daquelas que não faziam nenhuma atividade extra-escolar.

Então, atividades lúdicas e com os objetivos expressos por este projeto, seria a saída para aquele momento.

O grupo elaborou um cartaz convidativo e as crianças interessadas fizeram inscrição. Assim, o grupo tomou conhecimento do número de crianças e suas idades.

As crianças foram divididas em grupos da seguinte maneira:

**Grupo 1 - Meninos e meninas de 03 à 06 anos;**

**Grupo 2 - Meninas de 07 à 14 anos;**

**Grupo 3 - Meninos de 07 à 14 anos.**

As turmas de sete à catorze anos foram divididas em meninos e meninas a pedido das próprias crianças no ato da inscrição. Eles não costumavam brincar juntos e como já havia um clima de paquera entre alguns a vergonha de dividirem o mesmo espaço era grande.

Os primeiros contatos com as crianças foram trabalhosos, pois elas não nos respeitavam, não nos deixavam falar imitando - nos e falando mais alto do que nós.

Tudo que propúnhamos para elas fazerem, elas resistiam e negavam, mas era só alguém mais desinibido começar que todos começavam a atividade.

No início das atividades ficávamos todos juntos numa grande roda onde elas eram apresentadas e depois cada turma seguia com o respectivo

professor para um espaço determinado. Aí era feita uma segunda roda, onde podíamos nos conhecer melhor e as crianças podiam participar da elaboração das atividades. Havia, aproximadamente, quarenta crianças por grupo.

A aceitação dos pais, conselho e síndico e a participação em massa das crianças foram satisfatórias o que nos permitiu atuar lá durante todos os finais de semana até a presente data. Apenas no período de férias escolares, nos meses de Janeiro e Julho, atuamos três vezes por semana, tempo em que a participação é bem maior, exigindo, inclusive, a contratação de mais professores.

Esta aceitação, bem como o sucesso do trabalho aconteceram pelo fato de estabelecermos com as crianças uma relação mútua de respeito, impondo limites mas tendo na afetividade nosso maior apoio, além de não as obrigar a realizar qualquer atividade que não quisessem, oferecendo outras opções e de não permitirmos nenhum ato que pudesse desrespeitar ou machucar o outro.

Estas posturas, comum a todos os professores, fizeram com que elas se sentissem respeitadas, queridas e importantes, levando-as a mudarem seus comportamentos, ainda mais pelo fato de que cada atividade visava a cooperação e o respeito mesmo para aqueles com os quais não possuíam afinidades, desmanchando assim, alguns grupinhos fechados - as panelinhas - pois para a atividade acontecer era necessário que todos se ajudassem mutuamente, fazendo com que ampliassem suas amizades.

Desta forma, os objetivos específicos do trabalho foram sendo formulados a partir desta vivência direta com as crianças estando centrado num objetivo maior: o de contribuir no processo de construção da cidadania dessas crianças, tendo como espaço privilegiado de atuação sua própria casa, desenvolvendo uma dimensão educativa, visando a preservação do condomínio.

Assim, nosso trabalho foi tomando rumo com a frequência e o número das crianças na recreação aumentou, sendo alterados no decorrer dos dias - muitas crianças mudavam-se de lá e outras novas chegavam e algumas já tinham atividades como inglês e computação fora do condomínio, impedindo-as de participarem das atividades.

A frequência das crianças era de aproximadamente oitenta por final de semana, mas não eram as mesmas. Existiam aquelas mais assíduas, que participavam todos os finais de semana e aquelas que só apareciam em dias especiais ou quando tinham tempo ou estavam em casa, dando um total de aproximadamente cento e cinquenta crianças inscritas.

A abrangência do projeto era de setenta e cinco por cento das crianças moradoras do condomínio, pois existiam umas quarenta com faixa-etária entre dois e catorze anos que nunca participaram.

Em decorrência dessa participação variada, as brincadeiras e atividades só podiam ser planejadas a curto prazo. Dificilmente conseguíamos começar alguma coisa num dia para terminar no outro. Atividades que exigiam continuidade e que deviam ser realizadas pelos mesmos participantes, precisavam ser repensadas.

Então, o educador que se propõe a trabalhar numa proposta de educação alternativa na qual a participação dos educandos é voluntária, precisa, além de uma formação acadêmica específica, ter muita flexibilidade ao planejar as atividades, adaptando conteúdos trabalhados de uma turma para outra.

Segundo Evans & Nations<sup>3</sup> (1984, p.10), *“...ser um bom professor exige ao mesmo tempo reconhecer a natureza problemática do ensino e o poder dos professores de mudarem suas práticas”*.

A similaridade de conteúdos entre os cursos de Pedagogia e o de Educação Física, permitiu ao grupo elaborar atividades e estratégias de ação muito ricas, aproveitando o enfoque que o curso de Pedagogia dá à formação de professores e que a Educação Física dá ao desenvolvimento motor.

Mas aos poucos, a relação com as crianças, mais centrada na relação professor - aluno, passou a ter um caráter mais pessoal e amigo, pelo fato de o grupo estar no quintal delas que é o espaço do condomínio, fazendo parte do cotidiano de suas vidas.

Devido a isso, entre uma área acadêmica e outra, o grupo sofreu uma certa defasagem entre o que seria formação e prática levando a questionar:

---

<sup>3</sup> Menezes, L. C. Org. Formação e Profissão. 1996.

Até onde chegar, numa proposta não-escolar, porém, de caráter educativo?

Como trabalharmos numa realidade tão complexa quanto esta, sem interferir de modo limitador na produção cultural dessas crianças?

Como ser educador com diferenças sociais tão marcantes, sem homogeneizá-los?

O que um curso de Pedagogia oferece e o que poderia oferecer para a formação do educador, que permitisse a ele atuar profissionalmente em diferentes espaços ou em espaços não-escolares?

Sentimos que a formação acadêmica do curso de Pedagogia não oferece caminhos para o educador social, estando, em muito, limitada à escola.

Mas, no entanto, situações com que o educador se depara, resultando em experiências educacionais e de vida, ensinam modos de agir e conduzir as situações em termos educativos.

Portanto, o professor aprende enquanto ensina.

### CAPÍTULO III: POR TRÁS DOS BASTIDORES: O COTIDIANO DAS PRÁTICAS:

Nos primeiros meses de atuação com atividades recreativas no "Condomínio Ana Paula", obtivemos resultados positivos e imediatos no que diz respeito ao comportamento das crianças.

Estes resultados se deram na aceitação delas para com nossa equipe, o que nunca havia acontecido anteriormente com outros recreadores que realizavam atividades lúdicas com o grupo. Mas estes resultados só percebíamos que aconteciam sob nossa presença.

Nos momentos em que estávamos no condomínio tudo corria muito bem. As crianças não jogavam sujeira no chão, não desrespeitavam ninguém e eram muito "boazinhas". Mas quando saíamos de cena o cenário era outro.

Parecia que quando estávamos por perto elas queriam nos agradecer o que mostrava que elas ainda não estavam conscientizadas, ou seja, não haviam apreendido as noções que pretendíamos ensinar.

O que elas não sabiam era que tínhamos contato com o síndico, que nos relatava problemas ocorridos durante a semana, bem como os envolvidos.

Quando retornávamos em outro dia para as atividades conversávamos com todos e quando era algo que apenas uma criança havia feito, conversávamos em particular.

Elas ainda demonstravam surpresa ao virem que estávamos a par do cotidiano delas, pois esperavam que nunca iríamos descobrir o que faziam se fossem comportadas conosco.

Desta forma, planejávamos atividades que pudessem integrá-las mais umas com as outras e com a comunidade em geral, pois tínhamos clareza sobre os problemas reais do condomínio.

Todo o planejamento da equipe era realizado em reuniões semanais, nas quais discutíamos posturas frente determinadas situações ocorridas no interior dos grupos, quais atividades fazer e seus objetivos, a divisão dos espaços que serão ocupados por turmas, a escolha de temas, projetos, passeios e solicitações do síndico.

Aprendíamos muito nestas reuniões uns com os outros pois pensávamos e criticávamos nossa prática e, orientados por <sup>1</sup> Madalena Freire quando diz que "pensar é criticar, fundamentar para incorporar o outro".

Desta forma, todos os educadores da equipe "falavam a mesma língua", existindo coerência no trabalho de cada um.

Passaram pela equipe vários professores e somente uma professora continua conosco desde o início do trabalho até os dias de hoje.

Os responsáveis pela contratação de novos professores somos eu e o professor Silvio, que também é o responsável pelos contatos com o síndico, que por sua vez, transmite ao conselho nossos pedidos, mas tendo a palavra final nas decisões.

Isso implica em algumas relações contratuais, com obrigações e compromissos existentes em qualquer relação trabalhista. Mesmo não possuindo nenhum registro escrito, nossa prestação de serviço é verbal e trabalhamos como autônomos, possuindo apenas inscrição pessoal junto ao INSS, o que muitas vezes causa insegurança à equipe, que pode ser dispensada a qualquer momento e por qualquer motivo relevante ao condomínio - se isto acontecer seremos avisados com um mês de antecedência, apenas.

Assim, não podemos oferecer estabilidade aos professores que acabam encarando este trabalho como um "bico", com a possibilidade de um ganho extra. Assim que conseguem outro trabalho com caráter fixo, deixam nossa equipe.

Além de todas estas limitações contratuais, encontramos muitas dificuldades para conseguir contratar professores com disponibilidade para trabalhar aos finais de semana nestas condições, daí a rotatividade dos professores na equipe, fazendo com eu e o professor Silvio sejamos as referências mais fortes, tanto para as crianças como para pais e administradores.

Esta relação assume também algumas formas de controle do condomínio sobre nosso trabalho.

---

<sup>1</sup> Esta fala foi extraída de uma palestra ministrada por Madalena Freire, no dia 21 de novembro de 2000, com o título: "A função do educador na formação continuada", realizada no Espaço Pedagógico em Campinas.

Possuímos listas de presença que devem ser preenchidas a cada dia trabalhado. Estas listas, que também existem na escola para controlar a freqüência dos alunos, ao contrário delas, servem para avaliar o desempenho das atividades programadas relacionadas a um diário de atividades onde registramos seus procedimentos e resultados.

Periodicamente, estes materiais são examinados pelo síndico que relaciona a freqüência das crianças com a atividade trabalhada.

Se o número de crianças for baixo, é preciso esclarecer no diário o motivo disso. Se é o fator climático, muito frio ou chuva, se estamos em algum feriado ou dia especial e as crianças saíram com seus pais (trabalhamos mesmo em feriados, tendo folga apenas nas semanas de Natal e Ano Novo), se está acontecendo alguma festa de aniversário paralela à recreação ou mesmo se a atividade não teve boa receptividade pelas crianças e ainda, se a cada atividade está sendo trabalhado o objetivo maior do grupo: o de preservar o condomínio e se isso está acontecendo de fato no cotidiano das pessoas, principalmente quando não estamos presentes. Além disso, existe o fato da aprovação dos pais. Se em alguma atividade uma criança se sentiu excluída ou rejeitada pelos amigos ou até se não participasse por ter sido escolhida ou sorteada - em algumas atividades sorteamos as crianças para brincarem em determinados times ou grupos com o intuito de integrá-las a outras crianças, ampliando suas amizades, quando percebemos que a escolha voluntária delas está acontecendo sempre pelas mesmas crianças - os pais se dirigem à administração e reclamam ao síndico.

São poucos os pais que tomam conhecimento dos objetivos das atividades trabalhadas com as crianças, a maioria encara a recreação como mero entretenimento e algo que os deixa tranquilos, podendo inclusive saírem, deixando seus filhos sob nossos cuidados. Muitos pais aproveitam o horário da recreação para fazerem compras e resolverem problemas que, durante a semana, não podem devido à carga horária de seus trabalhos.

Este é um ponto positivo, visto que denota a confiança dos pais em deixar seus filhos conosco, mas quando realizamos algum trabalho que exige continuidade e mais, responsabilidade das crianças, a recreação nem sempre é vista como algo sério. Além disso, se acontece alguma reclamação ela

geralmente não é feita aos professores envolvidos, os pais se dirigem ao síndico.

Este é outro fator que faz com que nosso trabalho seja revisto pelo grupo e analisado pelo síndico.

Mesmo estando na casa das crianças e participando ativamente do cotidiano delas, não podemos interferir de modo invasivo em suas vidas particulares.

Por um lado, precisamos ter objetivos educacionais claros, sabendo que são capazes de modificar as vidas delas e por outro, precisamos adequá-los à realidade de cada um respeitando a educação e os princípios que recebem em seus lares.

Por serem poucos os pais que procuram se informar sobre o trabalho da recreação, não é possível estabelecer uma parceria na educação global das crianças. Alguns conflitos já aconteceram, justamente por não sabermos realmente o que os pais esperam de seus filhos e o que é importante para eles em termos educativos.

Algumas atividades deram certo e obtiveram resultados positivos, outras o contrário.

A seguir, farei uma análise descritiva de algumas atividades trabalhadas pela equipe, como foram pensadas, desenvolvidas, bem como seus objetivos e resultados.

### 3.1. OS DESAFIOS DA PRÁTICA: AS ATIVIDADES, SEUS OBJETIVOS E RESULTADOS:

#### 3.1.1. EPISÓDIOS/PROBLEMAS

##### 3.1.1.1 EPISÓDIO DA TINTA:

Num sábado, estávamos entusiasmados com uma peça de teatro que íamos montar. Para que todos entrassem no clima de criação, realizei várias atividades artísticas que explorassem bastante a criatividade e expressividade das crianças, como, pinturas e relaxamento com músicas suaves.

Assim, confeccionamos uma linda máscara feita com bexiga e papel machê. Para dar um acabamento duro e plastificado, utilizamos tinta acrílica.

Forramos o chão com jornais, fizemos uma roda e então expliquei que este tipo de tinta era difícil de sair da pele e manchava roupas. Acreditei não acontecer nenhum problema, pelo fato de só estar participando crianças grandes - entre nove e doze anos - apenas a irmã de uma das meninas tinha seis anos, era a menor do grupo.

Previendo que ela poderia sujar-se, não pela idade, mas por conhecê-la e saber que sempre se suja com atividades de pintura, pedi a ela que deixasse eu dar o acabamento em sua máscara. Quando concluí a pintura, precisei ajudar outras, então pedi que ela segurasse seu trabalho pelo nó da bexiga, pois posteriormente iria fazer um varal para que todos pendurassem para secar.

No exato momento em que entreguei a bexiga em suas mãos, a menina saiu correndo salão afora, percorrendo todo o condomínio com a bexiga molhada com aquela tinta difícil de sair.

Corri atrás dela, mas a menina pegou o elevador e foi para sua casa, sujando tudo onde encostasse.

Como não pude fazer mais nada, retornei ao salão para concluir a atividade. Todos ajudaram na limpeza do salão, guardaram os materiais e limparam suas mãos. Quando eu estava preparando-me para ir embora, a mãe e o pai da menina desceram e com muita irritação e deram - me uma tremenda bronca aos gritos.

Disseram que era um absurdo eu utilizar aquela tinta para uma garota de seis anos, que ela era pequenininha, que a recreação era uma porcaria de trabalho - é bom notar que esta menina sempre participou de todas as atividades sem problemas, mas seus pais nunca procuraram saber dos objetivos das mesmas, apenas em algumas festas sua mãe esteve presente para vigiá-la - e que iriam exigir o corte de nosso trabalho no condomínio.

Expliquei exatamente o que havia acontecido, mas eles disseram que eu estava justificando a minha incompetência.

Depois de conversarmos por bastante tempo, consegui acalmá-los e fazê-los entender que era apenas uma tinta difícil de sair, mas que a atividade tinha sido agradável e que havia trabalhado com muitos conceitos como: coordenação motora fina, concentração, expressividade e criatividade, elementos muito favoráveis ao desenvolvimento das crianças.

Consegui acalmá-los e eles não encaminharam nenhuma reclamação ao síndico, mas infelizmente proibiram suas filhas de participarem da recreação.

Numa situação dessas, onde um trabalho educativo pode ser prejudicado por valores muito particulares de algumas famílias, neste caso a necessidade da criança apresentar-se sempre limpa e comportada e a não aceitação do fato dela não corresponder ao esperado pelos pais, coloca o educador numa posição antagônica entre o que considera correto e educativo e o que os pais esperam que ele realize com seus filhos.

Mas, independente de estarmos nessa posição antagônica consideramos importante revermos o tipo de material a ser utilizado, evitando principalmente o uso de tintas tóxicas.

### 3.1.1:2. CASO DO ESTILETE:

Algumas crianças estavam no salão de jogos fazendo atividades de desenho e pintura, utilizando para isso diversos tipos de materiais, como lápis de cor grossos.

Para apontá-los, a professora estava utilizando um estilete, pois não era possível o uso de apontador. Este material cortante, estava somente sendo utilizado pela professora.

Num momento de distração dela, uma criança pegou o estilete e, num ato aparente violência, o colocou no pescoço de outro menino ameaçando cortar-lhe caso não pegasse um papel que estava no chão.

A professora, por sua vez, chamou o agressor e pediu que fosse embora, ele então retirou-se do salão e o agredido não se manifestou e continuou até o final da atividade.

Quando o agredido chegou em sua casa, contou o fato a sua mãe e esta fez uma ocorrência condominial - esta ocorrência não se trata de policial, mas é um espaço onde acontecimentos graves são registrados e enviados ao síndico, que toma as decisões cabíveis, inclusive contatar a polícia, se for preciso - contra o garoto agressor.

A mãe do agressor ficou sabendo do ocorrido e responsabilizou a recreação pelo fato, alegando que este tipo de material não deveria cair nas mãos de crianças.

Este foi um fato muito grave, pois qualquer movimento do agressor poderia ferir gravemente e até matar o outro.

Em situações onde ocorre a violência, o educador não pode ficar alheio e simplesmente afastar uma criança da outra, é claro que existem casos e casos, mas aqui sabemos que a agressividade foi tão grande que se tornou violência, mas conhecíamos o menino que agrediu e que se acontecesse uma fatalidade, seria acidental.

Este era um menino de dez anos de idade, com condições familiares que favoreciam seu desenvolvimento e que gostava de brincadeiras bruscas, principalmente as de lutas e que, provavelmente estava imitando alguma cena que viu em algum lugar ou filme.

Mas a postura mais apropriada para este fato seria interromper a atividade e colocar os envolvidos frente a frente para que conversassem e tentassem resolver suas diferenças através do diálogo. Se não conseguissem, a professora dirigiria o diálogo e se ainda assim não conseguissem, interromper a atividade e levar o assunto ao grupo, uma vez que todos presenciaram a cena.

Outro fator que acabou por justificar a violência foi o fato da mãe atribuir a responsabilidade à professora, que permitiu o uso de um material perigoso, o que deveria ter sido monitorado com total atenção ou evitado o uso de um material perigoso.

Chegamos a esta conclusão discutindo muito o problema em reuniões, o que pode não ser uma postura adequada para alguns educadores, tudo depende do contexto em que a situação ocorreu.

### 3.1.1.3. ACAMPAMENTO AO SÍTIO:

No mês de Janeiro de 1999, realizamos com as crianças um acampamento para um sítio na cidade de Piracicaba com o objetivo de proporcionar aos participantes uma educação saudável em contato com a natureza, visando desenvolver a personalidade, o senso de responsabilidade, amizade e respeito para com o próximo.

Tudo isso porque todos iriam dividir seus lanches, as demais despesas seriam rateadas por todos e todos ajudariam na preparação da comida e limpeza da casa.

Para sairmos, escrevemos uma circular aos pais explicando o passeio e uma autorização que deveria ser respondidas por eles, contendo perguntas importantes para resolvermos eventuais problemas).

Foi muito divertido. Fizemos muitas brincadeiras, caminhadas, roda de histórias com fogueira à noite, descansos, enfim, o lazer foi total.

Como no sítio não havia piscina, combinamos de tomarmos banho de esguicho e para isso todos levaram roupa de banho.

Tudo corria bem e os participantes estavam animados.

Convidamos apenas crianças acima de nove anos, por ser a faixa-etária que os pais sentem-se mais seguros para deixá-los viajar, além de estarem vivenciando momentos das fases de crescimento e aprendizagem próximas e de possuírem afinidades.

Nesta faixa-etária um fator que estava bastante em evidência era a sexualidade e como havia no grupo alguns casais de namoradinhos, podíamos conversar com eles assuntos polêmicos e que estavam gerando muitas dúvidas como Aids, gravidez indesejada, entre outros.

Percebíamos que muitos pais não abordavam estes assuntos com este grupo, levando-os à curiosidade e a perguntarem muito para os professores.

Então, uma das professoras presentes - fomos em quatro professores e vinte crianças - estava com um traje de banho extremamente insinuante, provocando olhares e conversas maliciosas entre os meninos.

Um dos garotos, de treze anos, levou a sério querendo "ficar" com a professora, que por sua vez, o estimulava a olhar para ela, dançando

exageradamente, rindo alto e comentando com algumas meninas que o achava bonito. Isso causou um mal-estar em algumas meninas que passaram a encará-la como concorrente.

A situação foi ficando insustentável até que ela passou perto de um grupo de meninos e todos num só couro, chamaram-na com uma palavra pejorativa, com tremenda falta de respeito.

Vendo isto, chamei os garotos em particular e perguntei o que estava acontecendo. Então, eles disseram que a professora estava gostando das brincadeiras maliciosas deles, respondendo com gestos corporais e sorrisos.

Chamei-a para conversar e ela disse assim: - Não tenho culpa de ser bonita!

Respondi que realmente a beleza era uma ótima qualidade, mas que o comportamento dela estava fora de qualquer postura educativa e que agindo assim, nossos objetivos iriam perder-se.

Ela irritou-se demasiadamente e passou a realizar atividades que não haviam sido programadas pela equipe, tomando a frente em quase tudo, tornando nosso final de semana complicado, pois não gostaríamos que as crianças percebessem esse clima, mas acabou sendo inevitável.

Frente a isso, cabe aqui a discussão do papel do educador. Sem uma formação acadêmica sólida ele pode confundir o que é uma relação professor - aluno amistosa, com falta de respeito, levando o trabalho educativo a perder seus objetivos.

O professor deve ter claro que não é igual ao educando. Existe uma relação hierárquica na relação professor-aluno por mais que esta seja próxima, aberta e amiga.

Desta forma, o educador, não realiza trocas com os alunos, ele interage para a socialização do saber.

Ao retornarmos ao condomínio, percebi que algumas crianças não haviam ficado satisfeitas com o passeio.

Fizemos uma reunião e elas disseram que o acampamento poderia ter sido melhor se todos os professores estivessem de acordo uns com os outros, que eles perceberam uma certa desorganização na preparação das atividades.

Explicamos a eles que problemas podem acontecer quando pessoas pensam e agem diferente, mas que aprendemos muito com as falhas acontecidas.

Esta reunião teve o objetivo de esclarecermos os problemas com a professora sem culpá-la plenamente de tudo, mas deixando claro que respeito só pode ser conquistado pela própria pessoa interessada e que não havíamos gostado do modo pelo qual eles confundiram as funções de cada um.

Esta professora foi dispensada da equipe, pois não compreendeu seu papel de educadora num âmbito onde, além de possuímos objetivos educacionais especialmente planejados para atenderem àquela comunidade em especial, nossas próprias atitudes servem de modelo para as crianças.

Esta é uma limitação do trabalho, pois encontrar professores dispostos a trabalharem com educação alternativa e que consigam levá-la adiante com bom senso, não é uma tarefa fácil.

Muitos professores passaram pela equipe, mas poucos conseguiram separar o pessoal do profissional, devido à própria natureza do trabalho, que é educativo mas não-escolar, existe hierarquia mas não autoritarismo, existe respeito mas a afetividade o norteia.

A dúvida permanece: - Como realizá-lo sem uma formação acadêmica estruturada e completa, que o coloque num patamar profissional?

### 3.1.2: PROGRAMAS EDUCATIVOS/ESTRATÉGIAS DE AÇÃO:

#### 3.1.2:1 PROJETO CONHECENDO O CONDOMÍNIO ANA PAULA:

Este projeto foi trabalhado com a turma de cinco a doze anos, nos meses de Outubro e Novembro de 1999. Teve o objetivo de levá-las a conhecerem melhor o condomínio em que vivem e despertar a sua valorização. Para isso, buscamos conhecer a história do condomínio, sua realidade, os deveres e direitos de cada um enquanto moradores.

O trabalho com as crianças foi dividido em quatro partes:

Questionário : com perguntas direcionadas para um guarda e uma moradora (Cristina) e perguntas informais aos pais, fruto da curiosidade despertada nas crianças. Neste primeiro momento, as crianças tomaram contato com a história e ao mesmo tempo com a realidade do condomínio.

Maquete do condomínio: estudamos a parte física do condomínio, trabalhando com as crianças os lugares que podem brincar, o que devem preservar... E a partir de sucatas arrecadadas, as crianças montaram três criativas maquetes.

Jogo da Trilha: neste momento resgatamos aquilo que as crianças entenderam que são seus direitos e deveres enquanto moradores.

Torta na cara: tudo o que foi interiorizado por elas como conhecimento foi reconhecido, através de pergunta e resposta e engraçadas tortas na cara.

Foi um projeto bastante interessante, na medida em que a partir da diversão, reflexão, criatividade, as crianças tornaram-se repórteres de suas próprias vidas.

A seguir, algumas perguntas elaboradas e dirigidas pelas crianças com suas respectivas respostas:

1. Quais são os moradores mais antigos do condomínio? R: Dona Iolanda

D-51 e Seu Inácio A-22.

2. Quem construiu o condomínio? R: Construtora BHS.

3. Quantos apartamentos tem o condomínio? R: 364.

4. Quantos anos tem o condomínio? R: 16 anos.

5. Antes de ser um condomínio, o que era? R: Um terreno.

6. Po que o condomínio chama Ana Paula?

R: Porque o dono do condomínio tinha duas filhas, uma chamada Ana Paula e a outra chamada Roberta. Sua intenção era homenagear as duas, mas construiu só o primeiro condomínio.

1. Os guardas têm armas? R: Não.

2. Quando foi inaugurado o condomínio? R: Outubro de 1983.

3. Qual foi o primeiro síndico do condomínio? R: Sr, Levi m-53.

4. Quantas guaritas têm o condomínio? 4 guaritas.

### 3.1.2.2. OLIMPIADAS:

Cada atividade que realizamos com as crianças possui objetivos específicos, umas voltadas para a socialização, outras que visam a cooperação e em todas trabalhamos a noção de respeito ao outro e amizade.

Atividades competitivas existem, mas procuramos não ressaltar habilidades individuais, o que pode levar as crianças a considerarem-se melhores umas das outras, quando trabalhamos com atividades competitivas as crianças são sempre divididas em equipes. A equipe vencedora tem a missão de dividir o prêmio com todos os participantes, esta é uma regra que foi combinada com elas, geralmente os prêmios são balas e bombons e quando existem medalhas, todos ganham.

No mês de Outubro de 2000 realizamos as Olimpíadas do CRAP, momento em que assistíamos as Olimpíadas da Austrália pela televisão, assim o interesse deles por esportes era muito grande.

Tivemos as modalidades de atletismo, basquetebol, queimada, futebol e natação.

Cada modalidade foi realizada num local diferente, o que fez com que cada participante sentisse a emoção de ser um atleta, ganhando ou perdendo.

As provas do atletismo foram realizadas na pista da Unicamp e tivemos a participação do Vanderlei Cordeiro, que é o melhor atleta maratonista brasileiro e morador do condomínio e tendo suas duas filhas com participantes assíduas da recreação. Além de incentivar as crianças com seu treinamento, deu várias dicas de como largar bem em uma corrida.

As provas de basquetebol, queimada e futebol foram realizadas na quadra do condomínio e tiveram até torcida!

Já para realizarmos as provas de natação alugamos uma academia perto do condomínio e as crianças além de competirem, brincaram à vontade na água.

Com este evento pudemos trabalhar com as crianças a prática desportiva, visando desenvolver suas habilidades físicas, a socialização, a responsabilidade, pois as provas duraram três fins de semana e os participantes deveriam comparecer todos os dias - se precisassem faltar, combinamos para que

deixassem avisado, pois todas as provas eram em equipes, então precisaríamos substituir quem não comparecesse para a equipe não sair prejudicada - além de conhecimento sobre esportes e história das Olimpíadas.

A participação das crianças e de alguns pais que foram torcer foi grande, cerca de noventa pessoas e todos foram premiados com medalhas e certificados de participação.

Este evento teve um gostinho de "quero mais" e resolvemos repetí-lo todos os anos na mesma data .

#### CAPÍTULO IV: A EQUIPE E SUAS CONQUISTAS: O RESULTADO DAS ATIVIDADES:

No decorrer das atividades, lidamos com muitos aspectos, comuns à prática docente levando-nos a recriar a nossa própria prática.

Muitas delas não deram certo, quebraram, estragaram, trazendo a todos alguns sentimentos de frustração e de impotência, mas que depois de analisados trouxeram experiências muito ricas, ensinando-nos a trabalhar.

Mas nem tudo foi decepção. Tivemos grandes conquistas no que diz respeito a diversos objetivos como: favorecer o comportamento social das crianças, ampliando suas amizades, conscientizá-las sobre a importância de conservar seu condomínio, a importância de cada espaço e sua função, a importância da beleza do condomínio para seu conforto, a importância e a dificuldade de ganhar dinheiro relacionando-a com o pagamento das multas que, para muitos, poderia interferir na qualidade de vida dentro de casa, entre outras questões.

Estes aspectos foram trabalhados informalmente dentro das atividades programadas. Por mais que possuíssimos um relacionamento amistoso com as crianças, nunca impusemos a elas noções que considerávamos corretas, pelo fato de atuarmos num tipo de educação que não visa homogeneizar modos de vida, mas trabalhar com as diferenças, tendo o respeito como palavra-chave.

A cada dia trabalhado e a cada brincadeira realizada, combinávamos algumas regras que deveriam ser respeitadas por todos.

Algumas dessas regras se tornaram fixas como, por exemplo, limpar os ambientes depois de usá-los e guardar os materiais. No início, precisávamos lembrá-los disso, atualmente a arrumação acontece espontaneamente.

Em muitos momentos nosso trabalho adotou um caráter adulto-centrista, pois as crianças esperavam por atividades trazidas pela equipe sem querer participar da elaboração destas, mas através do respeito e confiança que transmitimos para elas, as brincadeiras e atividades passaram a ser elaboradas por todos, assim podíamos observar como brincavam, como se

relacionavam e como resolviam seus conflitos, conferindo a elas autonomia para fazer o que realmente queriam fazer.

<sup>1</sup> *“É preciso que as crianças se tornem aptas a optar pelas suas perspectivas de vida, não se adaptando, pura e simplesmente a estreiteza de horizontes já dada ”(Marcellino, 1997, p, 95).*

No decorrer desses quatro anos, pudemos observar que aprenderam a conviver melhor com seus próximos, sendo mais tolerantes. Isso aconteceu também pelo fato de nossas próprias posturas frente às pessoas servirem de exemplo para as crianças.

Mas estas “construções” foram gradativas e refletiram em melhoras em todo o condomínio. Algumas mudanças de comportamento devem ser apontadas:

- As pixações nas paredes acabaram, mesmo porque todas as crianças que tiveram seus nomes escritos nas paredes foram convidadas por um professor da equipe para uma grande limpeza e isso acabou se transformando numa gostosa brincadeira, tão empolgante que limparam até outras sujeiras!

- Os elevadores permaneceram limpos e nunca mais aconteceram problemas com o uso deles, até o trânsito neles melhorou, pois as crianças perceberam que os elevadores são um meio para chegarem até suas casas, se eles não existissem seria bem cansativo subir escadas sempre, principalmente quando precisassem subir com compras, por exemplo.

- Os canteiros das plantas ficaram muito bonitos, grande parte deles foram plantados pelas crianças em atividades ecológicas e horta.

- As lixeiras foram repostas no ano de 1998 e nunca mais estragadas, assim não havia mais papéis no chão.

- Os moradores passaram a estacionar seus carros com tranquilidade, pois a quadra foi coberta por telas, impedindo a saída de bolas;

- Os espaços de lazer foram melhores divididos pelos moradores e as crianças pequenas passaram a brincar sem problemas na quadra e quando outras queriam usar este espaço, conversavam e conseguiam se entender, revezando o tempo e o uso de todos os espaços;

- Problemas com barulho excessivo fora dos horários permitidos foram amenizados, elas passaram entender o que é respeitar quando foram respeitadas;

- As festas realizadas pelo condomínio se tornaram um sucesso e a participação dos moradores era grande. Eram realizadas duas grandes festas por ano: a Festa Junina e a Festa de Natal. Em ambas, nossa equipe ajudava nos preparativos e as crianças faziam lindas apresentações de danças, cantos e peças de teatro.

- Na festa junina, além de ajudarmos na barraca das brincadeiras, realizamos apresentações de danças típicas com as crianças, que eram ensaiadas previamente e quadrilhas improvisadas, onde íamos “puxando” os adultos para dançarem com seus filhos. A descontração era total!

- Na festa de natal, éramos responsáveis por toda organização, desde a contratação do Papai Noel até toda as apresentações (danças axé e cowntury, capoeira, jazz e bandas de músicas) além das peças teatrais cantos e danças representadas pelas crianças. Organizávamos também, o espaço e o lugar onde o Papai Noel ficava para distribuir lembranças, doces e balas e neste momento os pais podiam tirar fotos dos filhos(as) com o Papai Noel. Um dia antes, enfeitávamos com bexigas, papéis coloridos e serpentina, o carro no qual o Papai Noel chegava ao condomínio e para isso, tínhamos a ajuda das crianças maiores.

O sucesso da festa era total!

Isso tudo, ressalta a certeza que temos da importância do papel do educador em espaços não escolares. Atuar na casa das crianças é um privilégio tendo a convicção de que a conscientização e a formação de pessoas mais humanas, vai acontecer.

---

<sup>1</sup> Marcellino, Nelson Carvalho. Estudos do lazer - Uma Introdução. Campinas, 1996.

#### 4.1 A DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA EQUIPE E DOS MORADORES ENVOLVIDOS: O JORNAL DO CONDOMÍNIO:

Toda vez que realizávamos alguma atividade interessante, pensávamos em algum meio para divulgá-la.

Isto seria uma forma de chamar a atenção de todos os moradores para a nossa atuação e abranger, cada vez mais, um número maior de crianças.

A cada finalização de projetos ou eventos, fazíamos relatórios escritos que eram entregues ao síndico.

O máximo que podíamos fazer para chamar a atenção de todos, era colocar no mural dos blocos cartazes sobre a programação das atividades. Este mural é um espaço na parede de cada bloco, onde os moradores anunciam o que querem vender e seus serviços.

O síndico já havia pensado em fazer um jornal do condomínio, então em nossas conversas ele resolveu contratar uma empresa de publicidade para publicar o tal jornal.

Como em tudo que ele sempre fez ter que haver as mãos das crianças, o que considero ótimo, ele pediu-nos que escolhêssemos um nome para o jornal.

Fizemos uma roda com as crianças e cada uma deu uma sugestão, depois fizemos uma votação e três nomes foram empatados. Levamos os três para ele escolher e o nome do jornal ficou: “Ana Paula informa”.

Este jornal tinha assuntos importantes ao condomínio e a equipe possuía uma página inteira onde divulgava a agenda, os resultados das principais atividades trabalhadas no mês anterior ao da edição e fotos das crianças. A edição do jornal era mensal. É interessante notar que idéias que aconteciam no interior da equipe foram assumidas pelo síndico, denotando o grande valor que ele empregava em nosso trabalho.

Este é um reconhecimento que poucas pessoas atribuem ao educador, que muitas vezes, além dos desafios implícitos à própria prática, não pode contar com o apoio de nenhum material extra, apenas com seu esforço pessoal. Fomos privilegiados em poder contar com o Sr Édno.

## 4.2 A EQUIPE COMEÇA A ABRANGER OUTROS PÚBLICOS:

Além das Festas Juninas e de Natal, que eram fixas do condomínio, a equipe de recreação realizava alguns eventos que, por terem sido aprovados por todos, passaram a acontecer todos os anos, como por exemplo: Baile de Carnaval, Baile do Havai, Bingo das Mães e Festa do Halloween e Olimpíadas.

Estes eventos contavam com a participação de muitas crianças, mas sempre pensávamos em como atrair a atenção e participação dos pais às atividades, pelo fato de acreditarmos na importância do condomínio para o ciclo vital da família estar em harmonia.

Uma das oportunidades que tínhamos para atraí-los seria o dia das mães e dia dos pais. Sempre confeccionamos presentes para eles com materiais simples, mas no ano de 1999 tivemos a idéia de preparar uma cesta de café da manhã no dia das mães.

Combinamos, então, que cada criança traria de sua casa coisas que suas mães gostavam de comer.

Quando nos dirigimos ao síndico para pedir materiais para a confecção das cestas, tivemos a idéia de sortearmos uma “de verdade” e grande para elas.

Pensando melhor sobre esta idéia, achamos que teria um objetivo concreto um simples sorteio, então em uma de nossas reuniões de equipe, tivemos a idéia de fazermos um bingo com as mães, onde o presente seria a cesta. Daí outras idéias surgiram para aproveitarmos a presença delas junto de seus filhos, como: massagens de mães para filhos e vice-versa, momentos de recordação desde quando eles eram “pequenos”, até o jeito como estão atualmente, falar sobre os desafios de ser mãe e brincadeiras de encontrar os filhos no meio de outras crianças, estando elas com os olhos vendados.

Levamos a idéia ao síndico e mais uma vez ele assumiu, mandou fazer seis cestas de café da manhã lindas (a secretária da administração as fez para nós) e uma enorme faixa convocando as mães.

Elas apareceram em massa e o sucesso do Bingo foi tão grande que o realizamos por três anos.

Nosso objetivo com este Bingo era, além de atrair a atenção das mães para nossas atividades e proporcionar momentos prazerosos ao lado dos filhos, tocando-os, acariciando-os e brincando com eles, fazer com que os pais dedicassem alguns momentos de sua vida corrida para estarem exclusivamente com seus filhos, coisa que, durante o dia-a-dia os pais não faziam mais, deixando seus filhos órfãos de atividades lúdicas conjuntas (pais-filhos).

Sabíamos que os pais participavam mais pelo prêmio, mas mesmo que não percebessem, o importante era passar uma tarde todinha se divertindo, fato que raramente acontecia em suas vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. SILVA, Celestino da. ORG. **Formação do Educador: Dever do Estado, Tarefa da Universidade.** Ed. UNESP, 1996.
- COSTA, Lamartini Perreira da. **Educação física e esportes não-formais.** Rio de Janeiro, 1998.
- FREIRE, Paulo. Guimarães, Sérgio. **Sobre educação (diálogos).** Volume 2. Ed. Paes e Terra. Rio de Janeiro, 1984.
- JANELA, Almerindo Afonso. **Sociologia da educação não-Escolar: Reatualizar o objeto ou construir uma nova problemática?** 1992.
- MARCELINO, Nelson carvalho. **O lazer e o uso do tempo na infância.** Comunicarte: IAC. Ano4, número 7, 1986.
- MENEZES, L. C. Professores: **Formação e Profissão.** 1996.
- SANTINI, Rita de cássia Giraldi. Ed. Angelotti, 1993.
- SIMSON, Olga R. Moraes Von. **A valorização da diferenciação sócio-cultural como fator de integração de estudantes em situação de risco. Discussão de uma experiência - O Projeto Sol de Paulínia/SP,** 1989.
- YURGEL, Marlene. **Urbanismo e Lazer.** São Paulo, Nobel, 1993.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os relatos de experiências citadas neste trabalho acadêmico, foram vivenciadas por uma equipe de estudantes de diferentes áreas do conhecimento, tendo essas experiências contribuído de forma significativa para a formação profissional desses estudantes, principalmente porque o curso de graduação em pedagogia não forma profissionais voltados para esta área do conhecimento. Atualmente, com a banalização e o aumento exacerbado da violência, as pessoas estão procurando lugares para morar que propiciem mais segurança, paz, tranquilidade e lazer, lugares como os condomínios residenciais particulares. Neste locais famílias principalmente de classe média e alta, procuram se refugiar na esperança de encontrar uma moradia que proporcione tudo o que eles esperam.

No entanto, cabe a nós profissionais ligados à educação, contribuir para melhora na qualidade de vida dessas pessoas, através de projetos de recreação e lazer voltados para atividades artística, culturais, esportivas, sociais e outras, mas, sempre visando a formação integral dos moradores.

Devemos trabalhar com esses moradores, tanto as crianças como os adultos, no sentido de educá-los para a cidadania, fazendo com que todos reflitam sobre os problemas sociais ocorridos em nossa sociedade, assim poderão tornar-se cidadãos solidários e com senso de igualdade, para aprender a respeitar e cooperar com o próximo.

Desta forma, as atividades recreativas e os profissionais que a conduz, estarão contribuindo para a melhora da educação no país de maneira não-formal, com o intuito de formar pessoas críticas e pensantes, e não deixar que a alienação e o egoísmo tome conta desses jovens principalmente, porque provavelmente serão eles quem controlarão a frente de nosso país e de nossas vidas.

Foto 1: Programas educativos - fevereiro/2.001

Foto 2 : Roda - Momento de falar e ouvir



Foto 3 : Olimpíadas premiação participativa - outubro/2.000

Foto 4 : Acampamento - janeiro/1.999

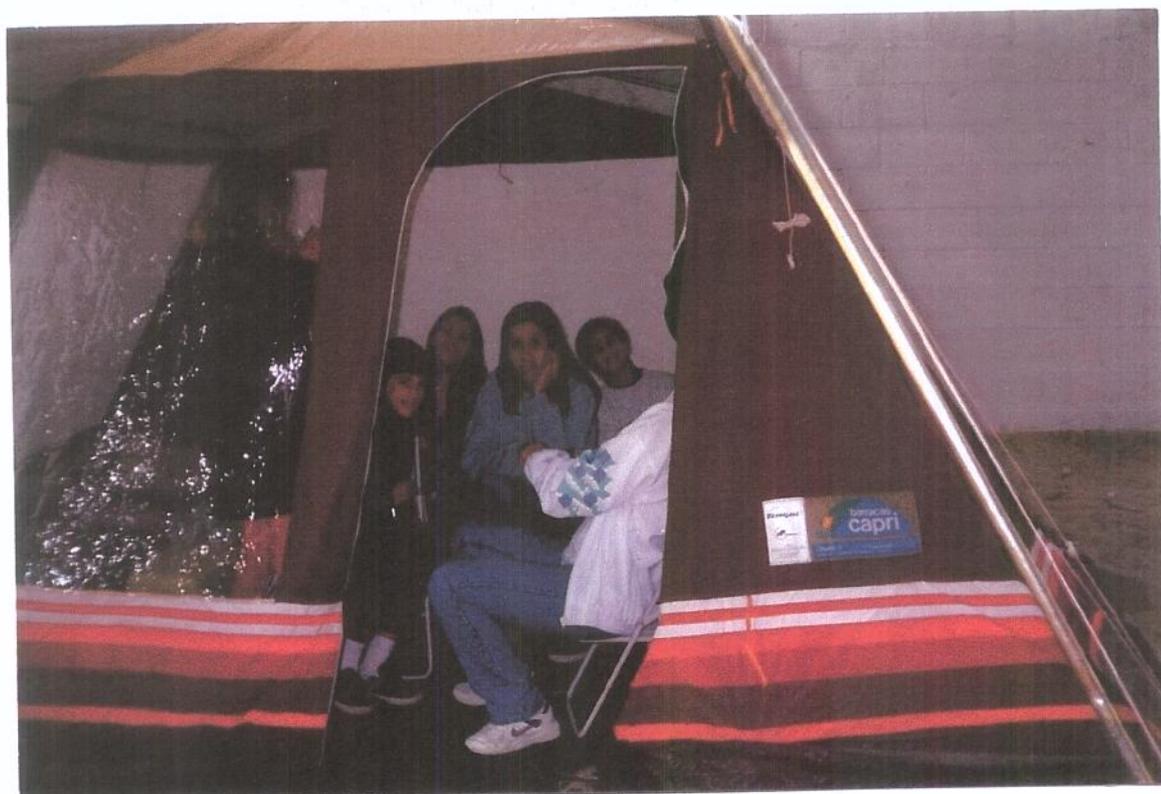


Foto 5: Plantando nos canteiros: projeto ecológico

Foto 6: Atividades de culinária: limpeza



Foto 7: Baile de carnaval

Foto 8: Baile do halloween



Foto 9: Apresentação de teatro

Foto 10: Olimpíadas: natação numa academia



Foto 11: Festa de natal: espaço do Papai Noel

Foto 12: Festa de natal: Apresentação de dança



## METODOLOGIA:

A indagação a qual se procura responder inicialmente, ao definir o objeto de estudo, era o de que forma a atuação do pedagogo poderia transformar os trabalhos não-formais, como exemplo, em clubes, hotéis e condomínios residenciais, numa ação educativa.

Ao optar pelo local de atuação, os condomínios residenciais, foi elaborado um projeto educacional denominado “Brincar para Viver”, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento pleno de seus moradores, através de atividades lúdicas, tendo como o ponto de apoio dessa ação educativa a formação cívica e social dos condôminos.

Tendo identificado este cenário de estudo e acreditando em suas múltiplas possibilidades, surge neste contexto um novo campo de atuação para profissionais ligados a diferentes áreas do conhecimento, principalmente para pedagogos.

Partindo deste princípio, foi elaborado o projeto “Brincar para Viver”, no qual sua prática se realizou por quatro anos e dez meses, no Conjunto Residencial Ana Paula na cidade de Campinas.

Este trabalho de conclusão de curso, está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo um relato de experiência pessoal e de forma sua dimensão resultou no estudo. O segundo capítulo refere-se à caracterização do espaço, bem como as questões sócio-econômicas-culturais, emergentes no ano de um mil novecentos e noventa e sete, situando o projeto “Brincar para Viver” neste contexto. No capítulo três ocorre uma descrição das atividades ocorridas e dos espaços utilizados, e os desafios encontrados nas práticas educativas. E para finalizar o capítulo quatro refere-se aos resultados obtidos com as práticas educativas para o condomínio e seus moradores.

Portanto, esse trabalho acadêmico é uma pesquisa de campo, mais especificamente um relato de experiência, que tem como fundamentação teórica, uma pesquisa bibliográfica orientada por profissionais ligados as áreas da educação e da recreação e do lazer.